

Carta de *Angela Barros Leal*²

Caro Doutor

O senhor conheceu o papai ainda lúcido, antes que a doença tirasse dele quase tudo que ele era.

O senhor deve então lembrar de um homem alegre, bem humorado, um paciente disciplinado e obediente, uma pessoa atenciosa com todo mundo, dono de uma curiosidade saudável, amigo de uma boa conversa, sempre pronto a repartir o conhecimento acumulado em quase 88 anos de vida.

A doença tirou dele muita coisa, como o senhor bem sabe. Tirou a lucidez, tirou a memória, em pouco tempo tirou da lembrança dele até os nossos nomes e o nosso rosto.

A doença nos fez ver o papai ir ficando tão pequeno e fraco, como se estivesse virando criança outra vez, dependendo da gente para tudo. Nos fez ver como ele era só uma pessoa igual a todo mundo, tão humano e destrutível, tão valioso mas tão fácil de se perder.

Pelo menos um de nós esteve perto dele todos os dias, e alguns de nós, os mais corajosos, estiveram mais perto ainda. Mas todos sofremos com ele pelo menos uma mínima parte de tudo que ele sofreu.

Cada dia era uma vitória. Cada dia que a gente chegava na UTI, ou no quarto, e ele ainda estava vivo, cada dia era uma esperança. A gente via que no hospital ele era tratado como mais um velhinho doente, alguém a quem a hora estava chegando, mas não era assim que a gente via, e nem era assim que o senhor via.

Quando o papai segurava nossa mão, e apertava com uma força que ninguém sabia de onde tirava, quando ele acompanhava a gente com

2 Jornalista, filha do homenageado.

os olhos pelo quarto, quando mesmo impossibilitado de falar ele fazia a gente entender que estava querendo ir embora, era impossível não acreditar que ele ia conseguir.

É por isso, especialmente, que nós queremos agradecer ao senhor, que continuou vendo no papai o homem que ele tinha sido, e entendendo que o desejo dele de voltar para casa era como se fosse mesmo o último desejo, impossível de não ser respeitado.

Nós vimos o que o senhor fez, acompanhando o papai diariamente, sacrificando seus finais de semana, examinando e medicando com tanto cuidado, com uma atenção tão zelosa como se fosse o seu próprio pai. Nós vimos como o senhor conseguiu que ele melhorasse um pouquinho, o suficiente para que ele pudesse voltar para casa, e que naquele dia 13 de abril, dia de Nossa Senhora, a mamãe se arrumasse toda, para esperar por ele, e quando ele chegou foi uma alegria tão imensa para nós e para ele, que o coraçãozinho não resistiu. Alguém falou que o papai morreu de felicidade. A gente não duvida disso. E é por isso que estamos agradecendo ao senhor, por ter permitido a ele essa última alegria